

HAGIOGRAFIA E VIDA MONÁSTICA

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

Os especialistas indicam que com o crescimento, a expansão da fé cristã e a paulatina aproximação das autoridades eclesiásticas ao Estado Romano, desenvolveu-se, a partir de fins do século III, nas regiões desérticas da Palestina, Egito e Ásia Menor, uma forma particular de vivência cristã. Denominada como monasticismo, caracterizava-se pela renúncia aos bens e à vida social, isolamento, castidade e mortificação do corpo, com constantes jejuns e vigílias. Esse movimento, primeiramente, resultou de iniciativas pessoais e foi marcado pela solidão, recebendo o nome de eremitismo. No século IV, surgiu uma nova forma de monacato, de caráter comunitário, denominada pelos autores como cenobitismo. Algumas experiências monásticas, identificadas como semi-eremíticas, combinavam as duas formas, intercambiando períodos de isolamento com os de convivência coletiva. Já nos primórdios do movimento foram produzidos textos hagiográficos associados ao monasticismo.

Nos séculos seguintes, o monasticismo, acompanhando a difusão do cristianismo, estabeleceu-se no Ocidente e foi se integrando à organização eclesiástica. O cenobitismo impôs-se como a principal forma de vida monástica; foram fundadas diversas casas, por iniciativa de bispos, reis e aristocratas, e elaboradas regras, que tinham como objetivo normatizar a vida religiosa. Com a expansão do monacato multiplicou-se também a produção hagiográfica. Neste sentido, foram compostos textos que tinham como protagonistas eremitas, monges e monjas que se destacaram por suas virtudes e vida religiosa exemplar.

O monacato foi ganhando contornos particulares com a inserção nas diversas regiões europeias. Na península ibérica, por exemplo, foram redigidas regras para as comunidades pelos bispos Leandro, Isidoro e Frutuoso, que, durante séculos, continuaram a ser observadas junto a outras, como a beneditina. Houve uma proliferação de cenóbios, formados, na maioria dos casos, por poucos religiosos. Muitos eram compostas só por homens ou só por mulheres, mas também foram constituídos mosteiros dúplices, que reuniam monges dos dois sexos, e os chamados familiares, que não possuíam abades e reuniam parentelas e pessoas próximas. Difundiu-se a prática do Pacto Monástico, por meio do qual monges e abades assinavam um contrato, no qual ficava estabelecido quais seriam as funções e direitos de todos do grupo. E posteriormente, sobretudo, devido à presença islâmica na região, em muitos locais uma única pessoa exercia os cargos de bispo e abade, mormente nos séculos IX e X.

A despeito das diferentes configurações regionais das comunidades, os mosteiros ocuparam um papel fundamental nas sociedades no tocante à difusão das tradições, ideias e valores cristãos; assistência espiritual e material aos fiéis; organização da produção; educação, redação ou preservação de textos; administração da justiça; etc. Nesses séculos iniciais do medievo, hagiografias foram redigidas sobre religiosos que se destacaram por suas virtudes ou sobre outros santos, mormente mártires, cujas memórias foram associadas à fundação e história dos cenóbios.

No século IX, a partir do Império Carolíngio, iniciou-se uma reforma no monacato e a regra beneditina se impôs face às demais. Esse lento processo denominado pela historiografia como beneditinização, redundou na adoção da Regra de S. Bento, com adaptações, como fonte exclusiva de orientação para a vida monástica. A partir do século X, também começaram surgir grandes e ricas abadias, em muitos casos por meio da incorporação de casas menores, e a formação das grandes famílias monásticas, como Cluny e Cister, com a vinculação entre os cenóbios que seguiam os mesmos costumes. No processo de organização institucional da Igreja Romana como cabeça de toda a

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Hagiografia e Vida Monástica. Vida Monástica. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



hierarquia eclesiástica, o monacato foi objeto de normativas que visavam a regulamentar diversos aspectos da vida comunitária, como a relação com os bispos, a questão da simonia, a obrigatoriedade da realização periódica de capítulos; a proibição do surgimento de novas regras, a imposição da clausura para as monjas, dentre outros. Registrando tais mudanças – e em diálogo com elas – diversas hagiografias foram compostas em todo o Ocidente.

A partir do século XII, o monacato passou a conviver com as novas formas de vida religiosa - canônica, militar e mendicante -, o que redundou na diminuição das doações e vocações. Contudo, o monasticismo continuou a ter um papel de destaque no cotidiano das sociedades e as hagiografias continuaram a ser elaboradas, seja retomando e atualizando memórias de santidade antigas ou divulgando novos cultos vinculados a trajetórias dos cenóbios.

A história do monacato no Ocidente medieval, portanto, foi acompanhada, em todas as etapas, pela produção e transmissão de textos hagiográficos. Seus protagonistas foram eremitas, monges e monjas, abades e abadessas considerados dignos de devoção, bem como demais santos, sobretudo mártires, que foram associados aos mosteiros. Tais obras, além de sistematizar e divulgar memórias de santidade, também foram elaboradas por outras motivações, como impor uma dada memória sobre um santo frente a outras narrativas; instruir a comunidade quanto à regra, aos costumes locais e ao atendimento dos leigos; dotar de singularidade um local de culto, atraindo peregrinos e ofertas; fundamentar a antiguidade de um casa; validar os bens do cenóbio; autenticar reivindicações de territórios e rendas; legitimar as autoridades da comunidade e desqualificar eventuais opositores; ensinar doutrinas; propagar valores, preceitos morais e modelos de comportamentos.

Para saber mais

HERRICK, Samantha Kahn (ed). *Hagiography and the history of Latin Christendom, 500–1500*. Leiden- Boston: Brill, 2020.

PÉREZ-EMBED WAMBA, Javier. *Santos y Milagros. La Hagiografía Medieval*. Madrid: Síntesis, 2017.

SILVA, Leila Rodrigues da. *Monges e literatura hagiográfica no início da Idade Média*. In: _____., SILVA, A. C. L. F. da (orgs.). *Mártires, confessores e virgens. O culto dos santos no Ocidente Medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 55-87.

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. *Hagiografia e Vida Monástica. Vida Monástica*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>